

Avañe'e, Ñe'e Tavy, Karai Ñe'e: Escolarização do Guaraní e Diglossia no Paraguai

Sebastião Peres*

Resumo:

O Paraguai apresenta uma situação de profunda desigualdade social: 10% da população detém 42% da riqueza; 40% da população detém 10% da riqueza. Vinculada a isto, apresenta uma situação de diglossia: 39,2% dos paraguaios são monolíngües em guarani e 6,4% monolíngües em castelhano. Porém, a escola sempre utilizou como língua de ensino o castelhano, gerando elevados índices de insucesso escolar. Com a oficialização do guarani em 1992, instensificou-se a discussão sobre qual modalidade utilizar na escola: o *jopara*, guarani interferido pelo castelhano, utilizado cotidianamente, ou o *guaraniete*, guarani "puro", acadêmico. A identificação do guarani como língua da pobreza provoca rejeições quanto à sua escolarização. No passado, o castelhano era considerado a língua dos senhores, e o guarani a língua do povo. A escolarização do guarani pode resultar na sua *senhorização*.

Palavras-chave: Língua guarani, Paraguai

Abstract

Paraguay presents a situation of deep social inequality: 10% of its population owns 42% of the country richness, while 40% of its population owns no more than 10% of the country richness. Linked to this, it presents a situation of diglossia: 39.2% of Paraguayans speak only Guaranian and 6.4% speak only Castilian. In spite of this situation, the school system has always used Castilian as the teaching language, which caused high rates of school failure. After the officialization of the Guaranian language in 1992, the discussion on which modality should be used in the school increased: the *Jopara*, a Guaranian intervened by Castilian, which is used daily, or *Guaraniete*, a "pure" academic Guaranian. Guaranian identification as poor people language gives rise to rejections as to its use in school. In the past, Castilian was considered the masters' language, while Guaranian was seen as the language of underlings. The "schooling" of Guaranian, that is, its introduction into school, may mean its "masterization", that is, its ascent to the level of a masters' language.

Key words: Guaranian language; Paraguay

* Doutorando em Educação (FaE-UFMG); Professor Assistente do Departamento de História e Antropologia - ICH/UFPeL.

Lo mismo que el manantial
Sin ningún rumor aflorando vás
Y en riego de amor bendiciendo estás
Alma guaraní, la heredad natal !
(*Alma Guaraní*, Esquivel & Sosa Cordero)

Lo mismo que un manantial es la lengua guaraní. Viene de dentro de las personas, sirve para pensar y con ella hablamos y nos entendemos para vivir mejor según nuestro modo de ser paraguayo.

¿Cómo educar en el Paraguay sin aprovechar este manantial? ¡Cuánta vida y belleza se perdería dejándolo de lado! (Meliá, 1994)

A escola, no Paraguai, está começando a falar guarani. Grande parte das crianças paraguaias e de seus professores falam apenas guarani, mas a escola insistia em falar apenas castelhano. O Paraguai busca um caminho em direção ao futuro: redemocratiza-se, integra-se ao Mercosul, promove a mais ampla Reforma Educativa de sua história. Mas ainda é um país marcado por uma profunda desigualdade social, que produz e se reproduz em marcante diglossia. A utilização, socialmente diferenciada, de uma ou outra das línguas oficiais do país, guarani e castelhano, pode implicar, para parcelas significativas da população, em acesso diferenciado às oportunidades sociais, culturais e, sobretudo, econômicas que venham a surgir em decorrência das mudanças internas e da implementação do Mercosul. O entendimento de que a formação de um Mercado Comum só tem sentido se levar à elevação da qualidade de vida de todos os povos em todos os territórios que este Mercado venha a abranger, justifica a preocupação com uma questão aparentemente localizada, qual seja a do bilingüismo paraguaio.

O Tratado de Assunção reconhece o castelhano e o português como línguas oficiais do Mercosul. Ainda que isto não esteja dito, trata-se, obviamente, das modalidades padrão (*standard*) destas línguas, cujo domínio e utilização é restrito a parcelas minoritárias da população de cada país. É difícil imaginar que um Tratado como esse pudesse contemplar as diversas variações de uso popular das duas línguas (se isso fosse possível, seria desejável?). O guarani, no entanto, é língua oficial de um dos países membros e sua exclusão parece reproduzir, no âmbito do Mercosul, o desprestígio que atinge esta língua naquele país e que, ao menos formalmente, as autoridades locais declaram pretender superar¹.

A importância que deve ser dada à questão da língua nos países do Mercosul é demonstrada, por exemplo, em Morosini (1997). Essa autora procura empregar o referencial teórico oferecido por Bourdieu para analisar o problema lingüístico no Mercosul, situando a questão como um confronto entre o português e o espanhol, de um lado, e o inglês, de outro, nos marcos do histórico conflito entre pan-americanismo e latino-americanismo. Essa análise, no entanto, passa ao largo da problemática representada pela heterogeneidade lingüística vigente nos países do referido Mercado e que vai além do *bilingüismo oficial* regional português-castelhano. Considerando que Bourdieu (1989, 1992, 1994, 1996) ocupa-se, em sua obra, de realidades lingüísticas caracterizadas pelo emprego diferenciado de uma língua ou de línguas diferentes no interior de uma mesma sociedade, uma abordagem *bourdieuana* do problema lingüístico no Mercosul não

¹A não inclusão do guarani entre as línguas oficiais do Mercosul encontra contestações no Paraguai; veja-se, por exemplo, Trinidad Sanabria (1997).

pode tomar seus países como lingüísticamente homogêneos. Ainda que o fenômeno de legitimação do inglês como *língua de comunicação internacional* possa ser situado histórica e geograficamente num contexto mais amplo, abordar sua relação com as línguas ibero-americanas considerando o conflito entre pan-americanismo e latino-americanismo não constitui-se, certamente, em uma impropriedade - é, mesmo, uma perspectiva interessante. Afinal, perceber as implicações da disseminação da língua inglesa entre os latino-americanos, em detrimento das suas próprias línguas, é fundamental para a preservação das identidades nacionais e culturais dos povos do sub-continente. No entanto, realidades distintas nos quatro países do Mercosul têm estabelecido, ao longo do tempo, diferentes relações entre estas identidades nacionais e culturais: situações têm havido em que a afirmação da identidade nacional demanda a supressão de identidades culturais ou, pelo menos, o amoldamento destas àquela - o estabelecimento de uma cultura nacional oficial às custas das culturas de grupos nem sempre minoritários nessas sociedades. Assim, a questão lingüística no Mercosul desdobra-se, na verdade, em uma variedade de questões lingüísticas, as quais derivam de um conflito histórico mais antigo que aquele entre pan e latino-americanismo: o conflito entre colonizadores e colonizados ou, dito de outra forma, entre conquistadores e conquistados. Ignorar a permanência, nas sociedades envolvidas no processo de constituição do Mercosul, de resquícios significativos desse conflito, decorrente do processo de conquista/colonização desencadeado ainda no século XV, significa negar possibilidade de sobrevivência às culturas autóctones remanescentes. O caso da língua guarani no Paraguai pode ser tomado como emblemático, se considerada sua ocorrência em um contexto em que esta permanência manifesta-se claramente.

É importante observar que a língua guarani que está em questão no Paraguai é uma variante designada como guarani paraguaio, ou seja, não se trata da língua original, pré-hispânica. Mesmo porque, o chamado guarani tribal - utilizado ainda hoje por grupos indígenas remanescentes, como os Pai Tavyterã, Ava katu ete e Mbya - constitui-se de uma multiplicidade de dialetos, o que inviabilizava sua utilização, pelos colonizadores, como língua geral para a comunicação com os colonizados. Num primeiro momento (séc. XVII), tendo por finalidade a evangelização, a língua guarani sofreu uma adaptação, por parte dos jesuítas, que implicou na "conquista" e "redução" (Lustig, 1996:15) desta que era considerada a língua geral do Paraguai. Esse guarani missionário ou jesuítico, apesar de haver assumido um caráter de língua geral em toda a região Platina, entrou em desuso a partir da expulsão dos jesuítas, em fins do século XVIII, desaparecendo como língua falada ainda antes da Guerra da Tríplice

Aliança (1864-70) (Krivoshein de Canese, 1993:14). O guarani paraguaio atual, portanto, constitui-se em uma variante distinta tanto do guarani tribal quanto do missioneiro ou jesuítico, sendo "una lengua históricamente derivada del guarani autóctono, sometido a una continua y creciente penetración por el idioma español" (Lustig, 1996:14) e cujo aparecimento está ligado ao surgimento do campesinato mestiço, no século XIX. É no contexto da Guerra da Tríplice Aliança que o guarani paraguaio recebe um primeiro reconhecimento como língua nacional, sendo utilizado em prédicas, instruções militares, comunicados e pequenas obras literárias - contos, crônicas, poemas - destinadas à população do interior e aos soldados; são editados jornais parcial ou integralmente em guarani. Considerando que o guarani não era, desde o período jesuítico, utilizado como língua de ensino, e que o uso do castelhano estava restrito à pequena parcela de abastados e funcionários do estado que viviam em Assunção, pode-se supor que a condição de monolíngüe guarani correspondia, também, à condição de analfabeto. Assim, a produção de materiais escritos - como jornais - em guarani cumpria, principalmente, uma função política, com vistas à mobilização da população para a guerra. Embora não pudessem ler, para uma população que ainda vivia "de espaldas al incipiente Estado paraguay que a partir del primer momento ha optado por el castellano como lengua oficial" (Lustig, 1996:16), saber que a sua língua passava a ser usada em jornais e consignas tornava-se fator de identificação com este estado - a guerra não era mais assunto de *criollos*, mas sim de toda a *nação guarani*. Essa utilização estratégica da língua repetiu-se em outros momentos da história paraguaia, o que levou à consideração do guarani como "idioma de la defensa nacional" (Romero, 1992:59). Quanto ao desastre que foi a Guerra da Tríplice Aliança para a sociedade paraguaia, Lustig (1996) sugere que um dos possíveis fatores da sobrevivência do guarani como língua majoritária no Paraguai tenha sido, paradoxalmente, a quase extinção, nessa guerra, da população masculina adulta: o índice de monolíngüismo guarani entre as mulheres paraguaias era - e ainda é - maior que entre os homens. Conforme o mesmo autor, "parece que historicamente el guaraní paraguay cumple con el sino de recobrar fuerzas precisamente allí donde reinan la pobreza, el abandono y la miseria" (Ibidem: 16).

Sociologicamente, esta identificação do guarani paraguaio como *língua da pobreza* talvez seja seu traço mais característico. Essa característica constitui-se, precisamente, numa das manifestações mais claras da permanência naquela sociedade de estruturas e relações remanescentes do período colonial - no que, aliás, não constitui o Paraguai uma exceção entre os países latino-americanos. É, também, um dos fatores do desprestígio do guarani, apesar de ser a língua mais utilizada pela

população. Krivoshein de Canese (1996:44) observa que "en nuestro país la lengua más hablada no es la usada en la educación y la administración pública". Essa é uma situação que os chamados "cultores del bilingüismo" e "guaranólogos" vêm, a longo tempo, procurando superar. Se desde a Guerra da Tríplice Aliança o guarani era, informalmente, reconhecido como língua nacional, foi recém na Constituição de 1967, no período *stronista*, que esta condição foi oficialmente referendada, embora fosse mantido o castelhano como única língua oficial. Apenas em 1992 a nova Constituição, pós-*stronista*, afirmou a condição do Paraguai como nação bilingüe, estabelecendo o guarani e o castelhano como línguas oficiais, e determinando a obrigatoriedade do ensino em língua materna. Essa oficialização decorreu não apenas da percepção do guarani como patrimônio cultural e identitário paraguaio mas, também, do reconhecimento do monolingüismo castelhano do sistema escolar como um dos fatores fundamentais da ineficiência da educação paraguaia:

No se tuvo en cuenta la calidad bilingüe de nuestro pueblo. Se enseñó a los niños en una lengua que no conocen y no se les dio oportunidad de aprender la otra. Así, vemos niños que aprenden a leer y escribir en castellano pero no entienden lo que leen. Menos de la mitad de los que empiezan la primaria la culminan, pero con una preparación tan deficiente que no pueden continuar la secundaria. El principal problema de los que quieren ingresar a la universidad es el castellano (Editorial, 1993:3).

O ensino em castelhano, enquanto a maioria das crianças é monolingüe em guarani, implica em que estas "no reciben una educación adecuada por razones lingüísticas, y este hecho ha sido causa de ausentismo, deserción escolar y analfabetismo" (Corvalán *et al.*, 1993:19).

Essa realidade permitiu a sedimentação de um discurso que atribui ao guarani a responsabilidade pelo atraso econômico e pelas profundas desigualdades sociais vigentes no Paraguai. Numa situação em que os pobres falam guarani porque são pobres, procura-se convencê-los de que são pobres porque falam guarani. Esse discurso, que implica na responsabilização dos pobres pela própria pobreza, é amplamente difundido entre os falantes guarani. Isso faz com que seja justamente essa parte da população a manifestar rejeição ao ensino nessa língua. Corvalán e Krivoshein de Canese consideram que:

El rechazo de los padres a la instrucción en guaraní - normalmente campesinos y de las áreas populares urbanas - se debe, por un lado, a que todavía existen los mitos y prejuicios provenientes de la ignorancia y la ideología extranjerizante en boga en el pasado (...).

Por otro lado, el rechazo está también sustentado en la idea de que la instrucción en guaraní genera aislamiento del niño de la comunidad español hablante con las lógicas consecuencias que derivan del mismo (1992:14).

Essa rejeição reflète o sentimento dos que ocupam a posição desfavorável numa relação evidente de diglossia. A condição de língua de prestígio do castelhano não pode ser negada, ainda que se pretenda fazê-lo em um contexto de valorização do guarani. Nas relações de trocas lingüísticas estabelecidas no interior da sociedade paraguaia, o valor atribuído ao castelhano é sensivelmente superior ao valor atribuído ao guarani. Corvalán *et al.* consideram que o guarani

comparte con el castellano la posición de lengua general del país, hablada por la mayoría de sus habitantes y en el que el hecho de hablarla constante o preferentemente no supone disminución de estatus social (aunque ciertos estratos sociales - 'nuevos ricos' - en Asunción y algunos grupos de inmigrantes lo consideran inferior) (1993:20).

Ainda neste trabalho de Corvalán *et al.* pode-se encontrar diversas afirmações que, pretendendo demonstrar uma equivalência de prestígio entre as duas línguas, terminam por revelar uma valorização não apenas diferenciada, mas superior do castelhano em relação ao guarani:

(...)aunque el castellano tiene más prestigio social por la naturaleza de sus usos, sólo el 6,5% de la población es monolingüe en castellano, mientras que 89% de la población usa el guaraní.

(...)no existe una ideología que menosprecie el guaraní en nombre del uso del castellano, ni del castellano en nombre del guaraní, por lo menos a nivel colectivo. Ambas lenguas son muy valoradas en el Paraguay, aunque sus usos son diferentes.

Al castellano, por ser la lengua oficial de los negocios, la administración pública, y los medios de comunicación, se le atribuye un valor instrumental mayor que al guaraní. Se considera la lengua que permite el ascenso social y profesional y es la lengua que se usa para la comunicación internacional con los otros países de habla hispana.

El prestigio del guaraní es más simbólico, llevando consigo la historia, cultura y costumbres de los grupos indígenas y de los sectores campesinos. Se usa en situaciones más informales, entre amigos y familia, y casi siempre de forma oral (1993:20-21).

Outro autor comenta que:

en el Paraguay, algunos reportan que mientras que el guaraní es el vehículo para la expresión de sentimientos tales como amor, humor, y hasta sarcasmo, el castellano se asocia con la comunicación pública y formal (Gynan, 1996:19).

Essa atribuição de funções diferenciadas às duas línguas nacionais paraguaias está associada à condição sócio-econômica dos usuários de cada uma delas. Que o guarani é considerado, por muitos, como a língua da pobreza, já foi dito anteriormente. Dados extraídos do Censo de 1992 e referidos por Gynan (1996:18) permitem compreender essa concepção: enquanto 92% dos monolíngües em castelhano moram em casas, apenas 67% dos monolíngües em guarani têm esse tipo de moradia; 32% dos monolíngües em guarani moram em ranchos, mas apenas 1% dos monolíngües em castelhano está nessa situação; em apartamentos, residem 3% dos que falam castelhano, e apenas 0,1% dos que falam guarani; em peças de aluguel vivem 3% dos falantes em castelhano e 0,3% dos falantes em guarani; vivendas improvisadas são a moradia de 0,6% dos falantes em guarani e de 0,3% dos falantes em castelhano. Para esse autor, "existen indicios (...) que el hispanohablante monolíngüe conoce la penuria con mucho menos frecuencia que su homólogo guaraní hablante" (Ibidem:18).

O número de monolíngües em guarani é, evidentemente, imensamente maior do que o de monolíngües em castelhano. Em Krivoshein de Canese (1996:39) podem ser encontrados os seguintes dados, extraídos do Censo de 92, sobre a distribuição da população conforme a língua:

LÍNGUA	FALANTES	PORCENTAGEM
Guarani e Castelhana	2.010.853	48,8 %
Guarani	1.614.105	39,2 %
Castelhana	261.118	6,4 %
Português	134.639	3,3 %
Línguas Indígenas	29.482	0,7 %
Outras Línguas	51.463	1,3 %

Gynan (1996) chama a atenção para a possibilidade de estes dados apresentarem distorções em relação à realidade. O Censo tenderia a considerar que indivíduos residentes num mesmo lar têm a mesma condição lingüística. Em uma moradia em que os avós são monolíngües em guarani, os pais são bilingües, e os netos monolíngües castelhanos, todos seriam computados como bilingües. Da mesma forma, pessoas que em casa só falam guarani - e portanto serão computadas como monolíngües em guarani - podem apresentar diferentes níveis de domínio do castelhana: é o caso de cerca de 700.000 pessoas que, embora utilizando em casa apenas o guarani, declaram saber ler e escrever. Como observa o autor, "ya que no se ha enseñado la lectoescritura en guaraní, sino en castellano, se supone que la mayoría de esta gente adulta es bilingüe" (Ibidem:17). Por outro lado, seria interessante conhecer os diversos graus de bilingüismo apresentados pelos quase 50% da população que foram computados como bilingües.

Portanto, os dados disponíveis fornecem apenas uma idéia aproximada da realidade lingüística paraguaia, fazendo-se necessário ainda um censo lingüístico elaborado de forma mais complexa para permitir um conhecimento mais preciso dessa realidade. Ainda assim, pelo menos duas constatações podem ser feitas a partir do exame desses dados: uma, a de que quase metade da população paraguaia se divide em duas comunidades lingüísticas profundamente diferentes e incapazes de comunicarem-se entre si; outra, a de que quase 40% da população está impedida de participar da chamada *vida pública* nacional, considerando as funções diferenciadas que são atribuídas às duas línguas. Como fica claro, não se trata de uma população de indivíduos bilingües os quais utilizariam, alternadamente, uma ou outra língua, de acordo com a situação. Apenas metade da população paraguaia estaria nessa situação, pelos critérios do censo. Quase outro tanto da população utiliza apenas uma das línguas, e justamente aquela - o guarani - que não tem curso nas situações formais da vida pública. Não se

imagine, no entanto, que entre os integrantes dessa população - que constitui a parte desfavorecida nesse contexto de diglossia - há uniformidade lingüística: formas diferentes do guarani são utilizadas em meios social e geograficamente diferenciados. Quando se trata, como atualmente, de tornar efetiva a oficialização dessa língua, esse é um problema a ser superado.

Jopara²: avañe'e ou ñe'e tavy ?

Uma questão que envolve os guaranólogos paraguaios em um debate já antigo, mas que acentuou-se em face da oficialização constitucional do guarani, é quanto à definição de qual forma desta língua deveria ser considerada oficial e utilizada nas escolas. Quanto ao guarani tribal e ao guarani missioneiro, era já consensual sua inadequação: um e outro seriam incompreensíveis para a população falante guarani do Paraguai contemporâneo. O guarani utilizado coloquialmente pelos paraguaios constituiu-se a partir de uma base dialetal oferecida pela modalidade de guarani falada pelos *kari'õ*, grupo indígena habitante da porção ocidental do território paraguaio (Krivoshein de Canese, 1993:14). A partir dessa base, a língua desenvolveu-se em um processo de convergência em relação ao castelhano (Ibidem:15), o que implicou na elaboração de um sistema gramatical e um léxico próprios. Ainda que não tenha passado por um processo completo de normalização ou intelectualização, o guarani paraguaio apresenta uma relativa uniformidade - o que lhe permite ostentar o caráter de língua nacional. Relativa uniformidade porque podem ser percebidos diferentes graus de interferência do castelhano nesse guarani, conforme a localização geográfica e o modo de vida da população - urbana ou rural. Quanto mais urbanizado o indivíduo, maior a interferência do castelhano. Daí o emprego do termo *jopara* para designar esse guarani de uso coloquial: *jopara* é palavra guarani que significa mistura; designaria uma língua resultante da mistura do guarani com o castelhano³. Tem-se aí um dos pontos de polêmica entre os guaranólogos: o *jopara* é a forma assumida pelo guarani paraguaio, sendo os termos, então, equivalentes, ou o *jopara* é uma variante do guarani paraguaio?

Embora empregada, atualmente, para designar uma língua - ou uma variante, conforme o ponto de vista -, a palavra *jopara* não tinha,

²A palavra *jopara* pode ser pronunciada como paroxítone (pronúncia hispanizada) ou oxítone (pronúncia guarani). Uma vez que no guarani as palavras tendem a ser oxítonas, tem-se como regra a não utilização do acento tônico na última sílaba. É utilizada, também, a grafia *jopará* (mais raramente *yopará*): nesse caso, tem-se uma grafia hispanizada para a pronúncia guarani.

³Na zona de fronteira com o Brasil há, também, uma forte interferência do português. Ilustrativamente, pode-se observar no Anexo I a reprodução de um diálogo em quatro versões: coloquial, guarani, castelhano e português.

originalmente, essa atribuição. Os guarani utilizam, para significar língua, fala, palavra, o vocábulo *ñe'e* (que significa, também, alma); para designar-se, empregam o vocábulo *ava*, que significa homem: *avañe'e* é, portanto, a língua dos homens, a língua dos guarani, a língua guarani⁴.

Para alguns, guarani paraguaio, *jopara* e *avañe'e* são termos equivalentes que servem para designar o guarani utilizado pela população no seu cotidiano. Desse ponto de vista, considera-se que não existe um guarani "puro": ainda que seja possível substituir palavras castelhanas por neologismos em guarani⁵, não desapareceriam totalmente os hispanismos⁶, e as estruturas gramaticais do guarani paraguaio estão marcadas por interferências do castelhano. O guarani "puro" seria uma abstração, tão estranho ao monolíngüe guarani paraguaio quanto o castelhano. Evidentemente, a opção desse grupo é pela oficialização e escolarização do *jopara*, ainda que reconhecendo a necessidade deste de passar por um processo de normalização - ou intelectualização - que definiria as regras e os mecanismos de funcionamento da língua, ou seja, sua standardização. Esse processo aproximaria o *jopara* de um guarani acadêmico, considerado por outros um guarani "puro" (*guaraniete*), mas que hoje é de uso restrito a um círculo de escritores e acadêmicos, e que poderia servir de referência para a normalização.

Os cultores do guarani "puro" consideram que a modalidade de guarani utilizada coloquialmente pela população, o *jopara*, é uma variante dessa língua, não havendo correspondência entre os termos *jopara* e guarani paraguaio ou *avañe'e*. Os juízos de valor que, a partir daí, se estabelecem em relação ao *jopara* são os mais diversos. Há quem o considere como uma modalidade legítima da língua, utilizável, inclusive, literariamente. Lustig (1993:13) informa que o *jopara* "actualmente es sin duda la variante con menos prestigio en el espectro lingüístico del Paraguay" e que "para muchos no es más que el producto degenerado de un malogrado encuentro de culturas y lenguas". Roa Bastos⁷, citado por Lustig (1993:13), caracteriza o *jopara* como "horrendo dialecto (...) que parece el habla idiota de la senilidad colectiva, el *ñe'e tavy*⁸ del débil mental".

Acosta Alcaraz e Martínez de Campos (s.d.:75) apresentam um quadro com as características de uma literatura popular em guarani e uma literatura culta em guarani:

⁴Tem sido utilizada, também, a expressão *ñe'e guarani* com o significado de língua guarani: seria uma expressão *jopara* correspondente a língua guarani ou uma expressão em guarani correspondente a *jopara* ?

⁵Por exemplo: *ñe'embyryha* (telefone), *ta'anga myí* (cinema), *mbo'eha guasu* (universidade) (Lustig, 1996:29).

⁶Por exemplo: *kamisa*, *sapatu*, *kavaju* (cavalo), *kamiõ* (caminhão), *sevíõ* (cebola), *výro* (burro).

⁷ROA BASTOS, Augusto. *El Fiscal*. Buenos Aires, s.n., 1993.

⁸*Ñe'e tavy*: linguagem do tonto, do idiota (Lustig, 1996:13).

LITERATURA POPULAR EM GUARANI	LITERATURA CULTA EM GUARANI
1. Escrita em <i>jopara</i> .	1. Escrita em guarani mais ou menos puro, com ausência ou escassez de hispanismos.
2. Aproximação direta à realidade. Poesia vivida.	2. Aproximação reflexiva à realidade. Poesia sentida mais do que vivida.
3. Tratamento temático de situações e incidentes da vida diária.	3. Tratamento de temas cotidianos e situações mais complexas.
4. Linguagem usada normalmente pelo povo.	4. Linguagem literária, elaborada, com metáforas apriorísticas.
5. Presença ou ausência imediata do amor.	5. O amor como problema e transcendência.
6. Fruição, gozo da paisagem, da natureza.	6. Paisagem como tema marginal. Natureza como melhor marco.

Essa classificação, se por um lado reconhece a existência de uma literatura em *jopara* - como negá-la? -, não caindo no extremo de considerá-lo (ao *jopara*) um *produto degenerado*, por outro estabelece na literatura paraguaia em guarani uma clivagem que reproduz a diglossia presente na sociedade. O nível de prestígio é estabelecido quando a uma literatura se lhe considera *popular*, enquanto a outra é a literatura *culta*; uma utiliza a linguagem usada normalmente pelo povo, enquanto a outra utiliza uma linguagem literária, elaborada, com metáforas apriorísticas. Em outras palavras, uma literatura emprega a *modalidade vulgar*, a outra o *padrão culto* da língua. Essa perspectiva não implica, necessariamente, na exclusão do *jopara* do ambiente escolar. No entanto, denuncia, ainda que involuntariamente, essa faceta da diglossia paraguaia, que não se resume à utilização diferenciada do castelhano e do guarani, mas também de modalidades diferenciadas do guarani, o *jopara* e o *guaraniete* (guarani puro, verdadeiro). Ao considerar a ocorrência de uma literatura em *jopara*, situando-a como uma modalidade de literatura em guarani, os autores citados estão, obviamente, considerando o *jopara* como uma variante do guarani - menos nobre, certamente, que o *guaraniete*, mas não tão horrendo quanto o *ñe'e tavy* de Roa Bastos.

Há quem considere o *jopara* como uma *terceira língua*, ao lado do guarani e castelhano ou que o considere antes como "una mezcla de lenguas que como una lengua mezclada (...) una zona de interferencia de borrosos

limites, difícil de captar y de describir, entre el guaraní paraguayo (...) y el español paraguayo"(Lustig, 1996:12).

Esta controvérsia quanto à natureza do *jopara* e a sua relação com o guarani e o castelhano adquire contornos dramáticos quando considerada no contexto de diglossia em que, concretamente, se manifesta. A existência de um padrão culto do guarani (*guaraniete*) determina que os afastamentos em relação a este padrão sejam considerados como incorreções: o *jopara*, com seus diferentes graus de interferência do castelhano (e até do português) implicando em graus de afastamento em relação ao guarani "culto", caracterizar-se-ia, então, como um falar incorreto do guarani. Assim, há uma crença muito difundida entre a população paraguaia de que ali fala-se guarani, mas fala-se mal. Essa crença de que o *jopara* é um guarani errado é um dos fatores que, paradoxalmente, desperta descontentamento com a escolarização da língua guarani: por que não aprender logo o castelhano, que é mais útil, em lugar de aprender um guarani correto que não é o utilizado no cotidiano? Para a fala cotidiana, o *jopara*, mesmo sendo um guarani errado, é suficiente. Ademais, a simplicidade e a facilidade do *jopara* desaparecem quando se trata de aprender o guarani acadêmico. Meliá (1996), defendendo o ensino escolar do guarani, sustenta que este não deve ser pesado nem odioso, e denuncia que "hay profesores que piensan aumentar el prestigio del guaraní haciéndolo aparecer difícil"(Ibidem:13). Sustenta que é importante que todos os paraguaios aprendam guarani, afirmando que a um paraguaio 'natural' "resulta un tanto anormal que no haya aprendido la lengua de su comunidad nacional"(Ibidem:12). Evita utilizar o termo *jopara*, considerando que o que se fala no Paraguai é a língua guarani, e que "la llamada lengua coloquial (...) no es menos estimable"(Ibidem:13). Para ele, o guarani é aprendido:

En la casa y en la calle. En familia y en sociedad. Estos son los lugares 'naturales', que es donde se da la comunicación real. La escuela apenas es el apoyo que permite sistematizar conocimientos que ya están en uso.

Por ello la escuela no suele ser el lugar más apto para aprender una lengua. En el mejor de los casos en la escuela se crean condiciones para el uso correcto y el enriquecimiento de la lengua (Ibidem:13).

Para ele, então, o papel da escola é ensinar o uso correto do guarani. Meliá (1996) não despreza o guarani aprendido em casa e na rua, mas entende que o uso desta língua precisa ser sistematizado e corrigido pela

escola, como forma de promover sua valorização e revitalização. Considera que o guarani "sustenta una cultura determinada y se ha desarrollado para expresar un mundo que nos es igual al que se dice en castellano" (Ibidem:13). Ao propor que se deixe "al castellano lo que es del castellano, y al guaraní lo que es del guarani"(Ibidem:13), defende o uso diferenciado das duas línguas, questionando mesmo a utilidade de produzir-se neologismos em guarani: se uma palavra não existe em guarani é porque a coisa que ela designa não faz parte da cultura que utiliza essa língua para expressar-se. Para ele, não há, no Paraguai, *uma* cultura ou *uma* sociedade que se expressa através de duas línguas, mas cada língua corresponde a uma cultura, uma sociedade, um mundo:

Los bilingües paraguayos han conseguido esa competencia gracias a que hay dos culturas, dos sociedades y dos ambientes en los cuales correm sucesivamente, a veces mediante alternancias muy rápidas, dos idiomas. Gracias a este mecanismo se ha formado esa mitad de bilingües del Paraguay. Ni los que han pasado por la escuela son por ello bilingües, ni todos los bilingües han pasado por la escuela (Ibidem:13).

Para Meliá (1996), portanto, é o convívio intercultural que produz o bilingüismo, e não a escola. No entanto, cabe à escola garantir que os indivíduos possam expressar-se com competência - gramatical - no idioma próprio da sua cultura. Essa competência desenvolvida irá permitir a equiparação de prestígio entre o guarani e o castelhano. Embora seja um dos que considera que *ya no hablamos bien el guaraní* no Paraguai, Meliá (1996) defende um aperfeiçoamento da língua falada pelo povo, ou seja, uma aproximação da língua popular ao padrão culto.

Outros cultores do *guaraniete* assumem posturas mais radicais, reforçando as crenças quanto ao falar mal e, desta forma, acentuando o desprestígio do *jopara*, declarando merecedor de prestígio "un guaraní inexistente, a no ser en gramáticas, textos de enseñanza y antologias literarias" (Krivoschein de Canese, 1993:17). Essa mesma autora, que considera que o *jopara* é o guarani paraguaio, denuncia que "no solo se ha fijado un modelo lingüístico extrasistemático sino que, además, se ha procurado por todos los medios que el mismo sea lo más lejano posible al guaraní empleado por la práctica totalidad de los paraguayos" (Ibidem:17). Ou seja, pelo estabelecimento de um determinado padrão culto para o guarani, se estaria buscando, deliberadamente, manter a subordinação tanto da língua popular quanto dos falantes dessa língua. Estaríamos, então, frente a um processo de apropriação de um bem cultural próprio das camadas

populares - a língua guarani - pelos grupos sociais detentores de poder econômico, político, cultural, etc.

Karai ñe'e: o castelhano do passado ou o guarani do futuro?

A diglossia, no Paraguai, representa uma permanência do período colonial. Ou seja: é a presença na sociedade paraguaia contemporânea de um traço típico da antiga sociedade colonial, quando colonizadores e colonizados utilizavam línguas diferentes em seus respectivos meios sociais. Os colonizadores falavam castelhano; os colonizados, guarani. Ao castelhano, os guarani chamavam *karai ñe'e*, a língua dos senhores; sua própria língua era *avañe'e*, a língua dos homens, a língua do índio. Reproduzia-se na linguagem a cisão que marcava o mundo colonial ibero-americano: senhores de um lado, povo de outro. Esse sistema colonial, como se sabe, desintegrou-se com as guerras de independência, no início do século XIX. Mas desintegrou-se em pedaços de bom tamanho: alguns desses pedaços foram logo pulverizados, mas outros, mais ou menos desgastados, permanecem até hoje. A eliminação dessas permanências coloniais é condição para o estabelecimento de relações sociais, econômicas e culturais mais justas em qualquer país latino-americano. Nesse sentido, pode-se considerar que a superação da diglossia no Paraguai está vinculada à superação da profunda diferenciação sócio-econômica que separa falantes castelhano e falantes guarani. Não se pode esperar que as relações lingüísticas no interior de uma sociedade possam tender à equidade se com as demais relações não se der o mesmo.

A declaração da língua guarani como oficial pela Constituição de 1992 foi possível porque, na relação de força entre bilingüistas e castelhanistas, prevaleceu a condição majoritária do primeiro grupo. Em 1967, a relação de força fora favorável aos castelhanistas. Outra relação de força precisa ser levada em conta quando consideramos o processo, ainda não concluído, de escolarização do guarani. Não que o guarani estivesse fora das escolas antes de 1992. Mesmo a Constituição de 1967 dava respaldo ao ensino de guarani. O que se passa é que a Constituição de 1992 oficializa e generaliza não apenas o ensino de guarani mas, também e principalmente, o ensino em guarani. Quando isso foi constitucionalmente garantido, já se vivia no Paraguai o segundo ano de trabalhos com vistas a uma profunda reforma de todo o Sistema Educativo paraguaio. É nesse ambiente de certa euforia com a Reforma Educativa, a redemocratização e a conquista da condição de língua oficial que os bilingüistas paraguaios irão intensificar o debate quanto à escolarização do guarani.

O guarani pode ser considerado como a pedra angular da identidade paraguaia. A possibilidade de comunicação numa língua diferente do

castelhano e do português é considerada como fator de sobrevivência de um sentimento de nacionalidade paraguaia que tem impedido, ao longo da história, a absorção desse país pela Argentina e pelo Brasil. Essa absorção não interessa a nenhum setor daquela sociedade. Nesse momento de pressão pela integração no Mercosul, a afirmação da identidade paraguaia é crucial, e faz-se necessário, portanto, reforçar a posição da língua guarani como língua nacional. À escola é atribuída a missão de lapidar a linguagem popular de modo a garantir-lhe o prestígio necessário como língua da identidade nacional paraguaia. No entanto, ainda que se produza um discurso de valorização e prestígio do guarani, reforçando o bilingüismo guarani-castelhano como uma das características culturais mais específicas do Paraguai, o fato de que cerca de um terço das crianças paraguayas seja monolíngüe em guarani é visto com preocupação e como fator determinante de baixa qualidade da educação. A existência de outro terço monolíngüe em castelhano não é considerado dessa forma.

Pretende-se que o Sistema Educativo paraguaio encaminhe a sociedade para uma condição de bilingüismo coordenado, ou seja, onde os indivíduos apresentem o mesmo nível de competência em ambas as línguas, empregando-as de modo adequado, seja quanto à correção, seja quanto à situação. As expectativas quanto ao uso de cada língua ao final da Educación Escolar Básica são de que os alunos:

-Empleen el idioma guaraní en la comunicación oral y escrita con nivel de competencia lingüística adecuado a las exigencias de su contexto cotidiano.

-Utilicen eficientemente el castellano en forma oral y escrita como instrumento de comunicación, de integración socio-cultural y de implementación de las manifestaciones científicas universales (Paraguay, 1996:31).

Que nas trocas simbólicas no interior da sociedade paraguaia o guarani seguirá mantendo posição subordinada fica evidente. Aliás, o fato de as diretrizes curriculares oficiais indicarem, a partir do Segundo Ciclo da Educação Escolar Básica, uma paulatina redução do guarani como língua ensinada e de ensino até um nível mínimo, considerado como "de manutenção", confirma essa situação.

O que parece menos evidente mas de conseqüências tão ou mais dramáticas é um provável resultado desse processo: a transformação do guarani em *karaí ñe'e*, língua dos senhores. Esse processo de *senhorização*

o guarani viria ampliar o controle e a subordinação a que os setores populares da sociedade paraguaia têm estado submetidos.

Mais do que mostrar ao falante guarani que ele fala errado, a escola terminaria por convencê-lo de que a sua forma de ver o mundo é que está errada. Admitir que a língua do senhor (*karai ñe'e*) é a correta, leva a admitir que a forma de ver o mundo do senhor também é a correta. *Avañe'e*, *karai ñe'e*, *ñe'e tavy*: mais do que uma questão de forma, o que está em jogo é o conteúdo simbólico do guarani paraguaio ou *jopara*. Atribuir ao *jopara* a condição de *ñe'e tavy* significa afirmar a incapacidade dos seus falantes de pensar, compreender e expressar a própria realidade, negando mesmo a identidade guarani-paraguaia dessa maioria da população. Impor um padrão culto à língua guarani que a distancie do povo que a utiliza no cotidiano, é *senhorizá-la*, torná-la *karai ñe'e*: não apenas o castelhano, mas também o guarani passaria a expressar o mundo dos setores dominantes da sociedade. O desafio, portanto, é garantir que o guarani paraguaio continue a ser a língua das pessoas do povo, *avañe'e*.

Referências Bibliográficas:

- ACOSTA ALCARAZ, Feliciano, MARTÍNEZ DE CAMPOS, Maria Elvira. *Tembiaporá mbohapyha*. Asunción, El Colegio, s.d.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu - sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo, Edusp, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3ed. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- CORVALÁN, Graziella, et al. Educación bilingüe bicultural. *Ñemity*. Assunción, n° 26:19-24, ene/jun 1993.
- CORVALÁN, Graziella, KRIVOSHEIN DE CANESE, Natalia. Plan de educación bilingüe para el Paraguay. *Ñemity*. Assunción, n° 25:13-24, jul/dic 1992.
- DOMÍNGUEZ, Ramiro. Bilingüismo y cultura. *Ñemity*. Assunción, n° 32:14-15, ene/jul 1996.
- EDITORIAL. *Ñemity*. Assunción, n° 26:3, ene/jun 1993.
- GYNAN, Shaw N. Sociolingüística actual del bilingüismo paraguayo. *Ñemity*. Assunción, n° 32:16-24, ene/jul 1996.
- KRIVOSHEIN DE CANESE, Natalia. Apuntes de lingüística general y aplicada. Assunção, e. a., 1996.
- KRIVOSHEIN DE CANESE, Natalia. Variedad de guaraní que se usaría en la educación. *Ñemity*. Assunción, n° 26:14-18, ene/jun 1993.

- LUSTIG, Wolf. Mba'éichapa oiko la guarani ? Guaraní y jopara en el Paraguay. Ñemity. Asunción, nº 33:12-32,, ago/dic 1996.
- MELIÁ, Bartomeu. Aprender guaraní ¿para qué? Ñemity. Asunción, nº 32:12-13, ene/jul 1996.
- MELIÁ, Bartomeu. Un manantial. Yvu: libro de lectura, 1er. grado, Programa rural de educación bilingüe intercultural. Asunción, Fe y alegría, 1994.
- MOROSINI, Marília Costa. Mercosul: desafios sociolingüísticos da integração. Revista de Educação Brasileira. Brasília, 19 (38):31-53, 1º sem. 1997.
- PARAGUAY. Ministerio de Educación y Culto, Itaipu Binacional. Guias de adecuación curricular en el contexto regional, tercer grado, educación escolar básica. Asunción, MEyC/Itaipu, 1994.
- PARAGUAY. Ministerio de Educación y Culto. Programa de Estudio, cuarto grado, educación escolar básica. Asunción, MEyC, 1996.
- TRINIDAD SANABRIA, Lino. El idioma guaraní y el mercosur. Ñe-ëngatú. Asunción, nº 105:33, abr/maio 1997.

Anexo I:

As versões coloquial, guarani e castelhana deste diálogo foram extraídas de Paraguay (1994:33-34). Este guia didático pretende subsidiar a ação pedagógica dos professores que atuam nas regiões de Alto Paraná e Canindeyu, na fronteira com o Brasil. Acrescentamos uma versão em português para facilitar a percepção das suas interferências na fala coloquial dos habitantes da fronteira.

Coloquial	Guarani:
<ul style="list-style-type: none"> - Mba'e che ra'a tudo bem ? - Eu tudo bem e você, Luisinho ? - Bem também, João. - Mira, lá tem una casa de sape. - Héé, en casa tem so'o. - Luizinho, ayer meu pai mató un porco. - Y en casa van a matar un boi, João. - Vamos a la festinha de la escola, Luisinho ? - No, tengo que levar algo de esa casa de aviamentos. - Luizinho, amo oi petei camión tora. - Héé. João, jahapytyma la Igreja. - Mira, ese mita'i lora porque ho'use vitamina. - Como é seu nome ? - Ndaikuaái che, Luizinho. - Vamos rápido, minha mãe me espera en casa. - Vai correr ? - No, mais rápido, nomás. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mba'eichapa, che ra'a. - Iporante, ha nde, Lui ? - Ipora avei, Huã. - Ema'emi, amo oi petei oga kapi'i. - Héé, upépe ojehepyme'e so'o. - Lui, kuehe che ru ojuka petei kure. - E, ha ógape ojejukáta petei guéi, Huã. - Jaha jerokyhápe amo mbo'ehaópe, Lui. - Nahániri, che ahava'era amo ñemuháme ajogua hagua mba'e. - Lui, amo oi petei mba'yryguata yvyra poguasú guerojaha. - Héé. Huã, jahapytyma tupao. - Ema'emi amo mita'i hase hina ho'uségui yva yrkue. - Mba'éicha héra pe mita'i ? - Ndaikuaái che, Lui. - Jaha pya'evéna, che sy che ra'aro che rógape. - Reñamítapiko. - Nahániri, jaguata pya'evénte.

Castelhano	Português
<ul style="list-style-type: none"> - Hola, cómo estás ? Todo bien ? - Todo bien; y vos, Luisito ? - Bien también, Juan. - Mirá, allá hay una casa con techo de paja. - Sí, en esa casa se vende carne. - Luis, ayer mi papá mató un cerdo. - Y en casa van a matar un buey, Juan. - Vamos a la fiestita de la escuela, Luis ? - No, tengo que comprar algo de aquella mercería. - Luisito, allá hay un camión de rollos. - Sí, Juan, ya alcanzamos la iglesia. - Mirá, esa criatura llora porque quiere tomar jugo de frutas. - Cómo se llama ? - Yo no se, Luis. - Vamos rápido, mi mamá me espera en casa. - Vas a correr ? - No, pero vamos a caminar más rápido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Olá, como vai ? Tudo bem ? - Tudo bem; e você, Luisinho ? - Bem também, João. - Olhe, lá há uma casa de sapé. - Sim, nessa casa se vende carne. - Luís, ontem meu pai matou um porco. - E na minha casa vão matar um boi, João. - Vamos à festinha da escola, Luís ? - Não, tenho que comprar algo naquela casa de aviamentos [mercearia]. - Luisinho, lá há um caminhão com toras [madeira]. - Sim, João, já chegamos à igreja. - Olhe, essa criança chora porque quer tomar suco de frutas. - Como ela se chama ? - Eu não sei, Luís. - Vamos rápido, minha mãe me espera em casa. - Vais correr ? - Não, mas vamos caminhar mais rápido.